

As caixas de correspondência: da aparência a resistência ao desvanecer

Mailboxes: from appearance to resistance to fading

Carolina Carmini Mariano Lúcio¹

<https://orcid.org/0009-0007-8244-608X>
<https://lattes.cnpq.br/4605117299521165>
carmini.carolina@gmail.com

¹ - Formada em Arte: História, Crítica e Curadoria pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Atua como pesquisadora e fotógrafa independente, possui trabalhos publicados sobre as cidades, seu desenvolvimento e suas memórias.



Resumo: Habitar as cidades e caminhar por suas ruas, nos proporciona contato com diversos indícios da sua história, processos de construção e temporalidades que se sobrepõe e comunicam. Um desses elementos, objeto deste ensaio são as caixas de correspondência presentes na maioria das residências pelo mundo. Sua presença nos portões, portas e fachadas — assim como sua ausência — marcam os processos de desenvolvimento e modificação dos hábitos urbanos e de transformação na vida nas cidades.

Palavras-chave: caixas de correspondência; correios; cartas; história urbana

Abstract: *Living in cities and walking through their streets provides us with contact with various clues about their history, construction processes and temporalities that overlap and communicate. One of these elements, the subject of this essay, are the mailboxes present in most homes around the world. Their presence on gates, doors and facades — as well as their absence — mark the processes of development and modification of urban habits and transformation in city life.*

Keywords: *mail boxes; post offices; letters; urban history*

E primeiro veio o verbo.

Se comunicar sempre foi uma necessidade humana. Comunicar notícias, contas, acordos, mortes, nascimentos, amores... Por vezes, levar as novas estava a uma distância maior que uma caminhada pelas ruas de uma cidade. Para isso as palavras que saíam da boca, chegam aos seus destinatários através das palavras escritas em cartas e telegramas. Se o advento das cartas não é uma novidade, as caixas de correspondência são um elemento da modernidade, e das peculiaridades dessa vida mais atarefada e com tempo limitado. Seria através da caixa de correspondências, que as palavras que viajavam por ruas, cidades e países, adentrariam nas casas das pessoas.

Das mais simples até as mais elaboradas, as caixas de correspondência — ou um equivalente a elas, muitas vezes —, estão na maioria dos portões dos por quase todo mundo. Cada país, tem sua própria história e cronologia com as caixas de correspondência. No Brasil, ela começa no XIX, quando em 1845, elas são instaladas nas construções do Rio de Janeiro. Vindas da Holanda, feitas de metal, elas tinham quase dois metros e pesavam quase meia tonelada. Impensável, nos dias de hoje um objeto desses nas portas das residências. Anteriormente, elas eram coloridas, e uma águia estava no lugar da pomba que hoje ilustra muitas caixas de correspondências.

Hoje as caixas são cheia de possibilidades. As vezes ela é apenas uma fresta, as vezes elas são rebuscadas. Algumas vezes novas e reluzentes, outras em estruturas mambembes, quase que abandonadas pelos próprios donos. São feitas dos mais diversos materiais, tamanhos e cores. As vezes passando despercebida pela decoração da casa ou vegetação, escondida pelos cantos, pelos grafites e pixos. Outras, são ostentadas, centralizas, visivelmente indicando, onde os serviços de entrega de cartas, jornais e revistas devem depositar seus objetos. Podemos até perceber a personalidade de seus donos pela escolha do designer, ou pela importância que ela tem na fachada.

Elas são um abrigo contra as intempéries. E também conferem privacidade aos seus donos, existindo no limiar entre o público e o privado. Um objeto que guarda e protege tantas particularidades de seus donos e ainda assim um elemento tão presente e visível nos cenários das cidades. Observar as caixas de correspondências, é perceber uma espécie de mapa dos tempos, das classes sociais, do cotidiano, da vida nas ruas.

Andar pelas ruas das cidades e perceber esse marco, é uma experiência de nostalgia para alguns, e que pode passar totalmente despercebida para outros. Quase como um objeto estranho. Uma ideia fora do lugar. As caixas de correspondência estão ali como objetos de um passado que insiste em permanecer, um item que sabemos que em um futuro não muito distante, talvez não fará mais sentido. Alguns elementos físicos das caixas de correspondência, como pequenas aberturas, modo de instalação e as condições materiais, nos fazem refletir ainda mais sobre porque elas continuam ali. Seria um hábito? Uma tradição? Existem por real necessidade? Elas são como os indícios das antigas práticas da vida urbana, de um cotidiano onde os contatos se davam de outras formas, onde o tempo era outro. Onde podia-se esperar uma semana para uma informação, e as urgências eram outras.

Assim, como percebemos que as casas morrem a cada dia para dar espaço a grandes espigões impessoais, com seus porteiros 24 horas e recebimento ilimitado. As caixas de correspondências, parecem perder seus sentidos quando percebemos que em seu interior repousam cada dia menos cartas, sobrando apenas alguns anúncios de empresas que ainda insistem na mídia impressa. Hoje nossas contas chegam pelos aplicativos, e as notificações importantes são recebidas pelos e-mails. Mortes, nascimentos, são comunicados através das telas dos celulares. Não há mais tempo e espaço para as cartas de amor.

Observando as caixas de correspondência, que encontramos pelas ruas, há vários sinais sobre as casas, as classes sociais e a importância delas para aquelas situações. Observamos que o tipo de material e as condições físicas das caixas, muitas vezes estão ligadas diretamente com a situação socioeconômica da região. Em muitas regiões menos abastadas, muitos desses objetos estão em estados precários e percebemos que o uso já foi até abandonado. Em outros bairros, seu uso permanece intacto, com caixas novas, brilhantes, visíveis e de fácil acesso.

Uma questão interessante é o acesso, olhando muitas caixas, observamos que elas pertencem a outro período, e continuam naqueles espaços, como um ato de resistência ao tempo, aos anos e a tudo mais. Suas fendas diminutas, espaços pequenos, e tipografias antiquadas remetem a um passado recente em nossas memórias. Tantas outras nos trazem o assombro de receber revistas e jornais, mídias tão defasadas e abandonadas na contemporaneidade.

São muitas as informações que podemos recolher ao caminhar por uma rua observando uma simples caixa de correspondência. Tantas informações históricas e sociais sobre uma comunidade, como até as possibilidades de fabulações que podemos fazer sobre os indivíduos que abrem todos os dias cada caixa.

Referências

ARIÈS, Philippe; DUBY, Georges. A história da vida privada: da Revolução Francesa à Primeira Guerra. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

GINZBURG, Carlos. O queijo e os vermes. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

NOVAIS, Fernando (Org.) História da Vida Privada no Brasil: Império: a corte e a modernidade nacional. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

BENJAMIN, Walter. Passagens. Belo Horizonte: Editora UFMG; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2009..









